



MARIN, José Augusto. Aniversário da independência. Correio Popular, Campinas, 12 set., 1975.

Saudação

Sejam minhas primeiras palavras de satisfação e de agradecimento, como presidente da "Associação dos Reservistas do Ex-Tiro de Guerra 176", de Campinas, ao ilustre Conselho Diretor e a todos os senhores integrantes do conceituado "Rotary Club de Campinas-Norte", pela amável e fidalga recepção com que nos distingue nesta noite, a mim e aos demais convidados de nossa agremiação, aqui presentes.

Poderão os simpáticos rotarianos, muito particularmente aqueles que sempre viveram nesta encantadora cidade, ou que nela se radicaram há longos anos, rememorar, como fazemos sempre, a imagem simpática, nobre e altaneira de nosso extinto Tiro de Guerra. E' que ele deixou em nossos corações imensa e imperecível saudade, não bastasse o fato de se achar profundamente ligado à quadra mais feliz de nossa existência: a mocidade.

Desde o seu surgimento efetivo, no distante ano de 1917, constituiu-se sempre num importante centro de adestramento para-militar, onde as lições e os exemplos tinham a marcá-los o traço indelével de profunda união religiosa. O amor estremeado da pátria, o preparo cuidadoso de cada atirador para o serviço dela e para sua defesa, quando isso fosse reclamado, e o próprio aperfeiçoamento físico, intelectual e moral de cada um para a vida na família e na comunidade, constituíram sempre as preocupações mais expressivas e invariáveis da benemérita e notável instituição.

Nossas profundas homenagens, portanto, sejam prestadas, nesta feliz oportunidade, aos fundadores e aos continuadores da saudosa entidade, muitos deles anônimos, os quais tanto a engrandeceram durante quase quatro décadas. Eis alguns desses preciosos beneméritos: Álvaro Ribeiro, Alberto Sarmento, Otaviano Eugênio de Melo, José Bonifácio Rebelo do Amorim, Capitão Paulo Sarmento, o primeiro instrutor, Sílvio de Moraes Sales, Celso Silveira Rezende, Antonio de Oliveira Valente e, anos mais tarde, os saudosos dr. Romeu Tórtima, professor Jorge Leme e o estimadíssimo sargento, João Batista Godoy, seu derradeiro comandante.

Sobrevivendo durante tantos anos, sempre contando com o respeito e a ajuda do povo e das autoridades de Campinas, nosso saudoso Tiro de Guerra marcou época nesta cidade, principalmente nas grandes solenidades comemorativas do dia da Pátria. As brilhantes palestras que promovia e os imponentes desfiles que inaugurava, marcaram, para todo o sempre, aqueles que tiveram a rara felicidade de integrar suas honrosas fileiras.

Permanecendo, agora, apenas na saudade e no coração de seus ex-atiradores, a maioria já encanecida na dura luta pela sobrevivência, e também como nome de evocativa praça cidadina, nesta semana da pátria, como que renasce ou ressuscita em nossa memória. A mim, particularmente, reclamou o dever de aceitar o honroso convite que me dirigiu o ilustre Presidente Elísio Zurita Fernandes, para que proferisse algumas palavras, descoloridas embora, sobre o aniversário da grande pátria comum, surgida naquele magnífico 7 de setembro de 1822, neste abençoado solo paulista!

Pois muito bem. Ao procurar desempenhar esta agradável incumbência, eis que deparo com verdadeiro turbilhão de idéias a empolgar minha pobre mente. Todas elas se põem a disputar a primazia do merecido realce nesta singela e breve oração. Algumas entendem com o conhecido sentimento nativista, negado embora por historiadores de pról, mas que sempre empolgou os habitantes da grande colônia lusitana, principalmente quando se viu invadida por estrangeiros, ou quando buscaram reagir contra exigências descabidas, ou contra absurdas imposições e confiscos, ditados pela METROPOLE. Ideias várias buscariam explicar as causas preponderantes, que levaram à consolidação do sentimento de nacionalidade, es-

pecialmente pós a proclamação da independência norte-americana. E muitas outras buscariam explicar a conduta e o procedimento de nossos colonizadores, seus erros, seus acertos, suas virtudes e seus defeitos, tudo isso exercendo imensa influência na alcançada proclamação de 1822. E o quanto não se poderia dizer da ilustre família de Bragança e de sua inesperada vinda para distante colônia, tangida pela fera invasão francesa, e provocando a elevação da colônia a alta categoria de reino? Mas, entre tantos e diversificados acontecimentos, envolvendo incontáveis personagens, muitos deles importantíssimos, um desses personagens reclamou precedência, apenas por seu marcado merecimento. Trata-se, como haverão de ter percebido, da figura maiúscula e exponencial, nunca assás louvada, do verdadeiro pai da pátria brasileira, o patriarca de sua independência. Trata-se, nada mais, nada menos, do grande José Bonifácio de Andrada e Silva.

Se o afoito príncipe Pedro foi o autor material de nossa libertação de Portugal, não é menos verdadeiro que o autor intelectual foi, sem dúvida alguma, seu querido amigo e conselheiro, o inolvidável Andrada!

Filho de ilustre e antiga família brasileira, que sempre gozou de respeito universal pelas suas eminentes virtudes, no dizer de seu impertérito defensor, o desembargador Cândido Ladislau Japi-Assu, em processo que lhe moveram em plena velhice, alguns invejosos de sua merecida fama, notabilizou-se pelo saber e pela honradez. E' ainda dessa defesa este precioso escólio: "E' o senhor José Bonifácio de Andrada e Silva um dos primeiros brasileiros, que deu honra e nome à sua pátria, com os seus raros talentos e profundíssima sabedoria. Foi na sua mocidade para a célebre Universidade de Coimbra, aonde tomou o grau de doutor nas duas Faculdades, de Filosofia e Leis. Tantos créditos, tanta reputação, e tanta celebridade ganhou naquela Universidade, que foi logo nomeado sócio da Academia das Ciências de Lisboa, e por esta escolhido, dentre inuitos, e proposto para viajar a Europa, à custa do Estado, a fim de aperfeiçoar-se, e instruir-se em alguns dos ramos das Ciências Naturais". Depois de peregrinar por diversos países conquistando o respeito e a amizade dos primeiros e mais notáveis sábios da Europa, coberto de reputação científica: criou na mesma Universidade de Coimbra uma Cadeira de Metalurgia, e em Lisboa uma Cadeira de Química. Era, além disso, esse ilustre Sabio, o Brasileiro mais versado nas línguas estrangeiras, e um dos mais insignes poetas americanos."

Pois foi esse insigne brasileiro, que na audiência pública do dia 26 de janeiro de 1822, perante o Príncipe Regente, na qualidade de Ministro, e Secretario de Estado dos Negócios do Reino e Estrangeiros, proferiu o célebre discurso-apelo, do qual ouse destacar este expressivo trecho:

"Seja pois Vossa Alteza Real o Anjo Tutelar de ambos os mundos; arrede com a sua sabedoria, força decisão e franqueza, desprezando todos os remédios paliativos, que não curam, mas matam o enfermo. arrede, digo, para o quadro fúnebre das eminentes calamidades, que ameaçam o Vasto Império Lusitano; confie-se corajosamente no amor, ternura, e fidelidade dos Portugueses do Brasil, e mormente dos seus briosos Paulistas, que pelo nosso órgão oferecem seus corações para abrigo de Vossa Alteza Real, seus corpos para escudo, e seus fortes braços para sua defesa, que por nós finalmente juram verter a última gota de seu sangue, e sacrificar todos os seus bens para não verem arrancado do Brasil o seu Príncipe Idolatrado, em quem têm posto todas as esperanças da sua verdadeira felicidade, e da sua honra, e brio nacional".

Abolicionista convicto, numa época tão desfavorável e esse sentimento, tinha a respeito do grande mal que infelicitava este país, este limpo entendimento:

ANIVERSÁRIO DA INDEPENDÊNCIA

José Augusto MARIN

(Palestra pronunciada no Rotary Campin as-Norte na reunião do dia 5 do corrente)

Correio Popular

12.9.75

"Diz porém a cobiça cega, que os escravos são preciosos no Brasil, porque a gente dele é frouxa e preguiçosa. Mentira, por certo. A Província de São Paulo, antes da criação dos engenhos de açúcar, tinha poucos escravos, e, todavia, crescia anualmente em povoação e agricultura, e sustentava de milho, feijão, farinha, arroz, toucinhos, carnes de porco etc., a muitas outras províncias marítimas e interiores"

E rematava:

"A sociedade civil tem por base primeira a justiça, e por fim principal a felicidade dos homens; mas que justiça tem um homem para roubar a liberdade de outro homem, e o que é pior, dos filhos deste homem e dos filhos destes filhos? Mas dirão talvez que se favorecerdes a liberdade dos escravos será atacar a propriedade. Não vos iludais, Senhores, a propriedade foi sancionada para o bem de todos, e qual é o bem que tira o escravo de perder todos os seus direitos naturais, e se tornar de pessoa a coisa na iras dos Jurisconsultos? Não é pois o direito da força, pois que o homem, não podendo ser coisa, não pode ser objeto de propriedade. Se a lei deve defender a propriedade, muito mais deve defender a liberdade pessoal dos homens, que não pode ser propriedade de ninguém, sem atacar os direitos da Providência, que fez os homens livres e não escravos; sem atacar a ordem moral das sociedades, que é a execução estrita de todos os deveres prescritos pela Natureza, pela Religião e pela sã Política."

Esse notabilíssimo brasileiro, durante sua longa e proveitosa existência, só almejou o bem de seu semelhante e a grandeza da estremecida pátria que ajudou a fundar. Chegou a sugerir a criação de uma academia de agricultura no Brasil, defendendo idéias atualizadíssimas, até mesmo para os dias de hoje: "Não floresce a agricultura com o ruído das armas. Ela quer paz e deseja tranquilidade: com a paz e com a tranquilidade teremos um grande aumento de população, de povos inimigos formaremos novos agricultores e outros tantos servidores do Estado, e multiplicaremos os meios de adquirir novas riquezas, até agora desconhecida, e que se acham sepultadas nos sertões, os quais ao presente só nos causam susto, medo e terror. E então o comércio interior, feito com segurança, há de necessariamente produzir nos nossos climas o mesmo benefício e os mesmos frutos que percebem e gozam os povos mais civilizados e as terras melhor cultivadas."

Portador de visão impressionante, defendeu no distante ano de 1844, a criação da Universidade de São Paulo, sómente alcançada quase um século mais tarde, com Armando Sales de Oliveira, em 1937! Defendera ainda a abertura de caminhos de terra para as diversas províncias e portos de mar e a criação de uma cidade central no interior do Brasil, para assento da Regência, que poderá ser em 15.º de latitude, em sítio sadio, ameno, fértil e junto a algum rio navegável.

De suas notas íntimas extrai estas preciosas anotações:

"Acusam-me alguns, que plantei a Monarquia — sim, porque vi que não podia ser de outro modo então; porque observara que os costumes e o caráter do povo eram eminentemente aristocráticos; porque era preciso interessar as antigas famílias e os homens ricos, que destestavam ou temiam os demagogos; porque Portugal era Monárquico, e os brasileiros eram macacos imitadores. Sem a Monarquia não haveria um centro de força e união, e sem esta não se poderia resistir às cortes de Portugal e adquirir a INDEPENDÊNCIA NACIONAL."

"Conheço a vilania dos meus naturais mas a cólera não me exaspera, nem o amor me abateu para obrar o que devia, para fazer bem à minha pátria"

Esse, meus caros rotarianos, foi o homem predestinado, com que nos presenteceu a Divina Providência para o surgimento deste grande e amado Brasil!